

ANEXO 6 - Tema 2018:

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

(...)

BENEDETTO VECCHI Na imaginação sociológica, a identidade é sempre algo muito evasivo e escorregadio, quase um a priori, ou seja, uma realidade preexistente. Por exemplo, para Émile Durkheim, as identidades coletivas sempre permanecem como pano de fundo, mas não há dúvida de que, em seu livro mais famoso, A divisão social do trabalho, essa divisão é um elemento contraditório. Por um lado, ela coloca em risco os vínculos sociais, mas ao mesmo tempo atua como fator de estabilização na transição para a criação de uma nova ordem social. Entretanto, em seu arcabouço analítico, a identidade deve ser considerada um objetivo, um propósito, em vez de um fator predefinido. Qual a sua opinião?

Minha opinião é igual à sua... Sim, de fato, a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como algo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

Atualmente, é mais difícil esconder essa verdade do que no início da era moderna. As forças mais determinadas a ocultá-la perderam o interesse, retiraram-se do campo de batalha e estão contentes com a tarefa de encontrar ou construir uma identidade para nós, homens e mulheres, individual ou separadamente, e não conjuntamente. A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente.

De modo que eu fico imaginando se é justo pedir aos pais espirituais da sociologia, sejam eles Weber ou Durkheim, ou mesmo Simmel, que foi mais sagaz e mais à frente do seu tempo do que todos os demais, que nos instruem sobre o que é e como refletir sobre um tema que irrompeu em nossa consciência compartilhada e lá se estabeleceu muito depois de eles terem morrido. Todos eles se envolveram numa conversa com problemas, preocupações e tribulações dos homens e mulheres do seu tempo (a profundidade, a convicção e a dedicação desse envolvimento foram a sua verdadeira grandeza e o seu mais importante legado à sociologia posterior). A “identidade” não se destacava em meio a essas preocupações. Suponho que, caso tivessem dirigido os seus ouvidos – finamente sintonizados com os grandes problemas do seu tempo, quaisquer que fossem – para o nosso tipo de sociedade, que estava para nascer quase um século mais tarde, teriam considerado a súbita centralidade do “problema da identidade”, tanto nos debates intelectuais quanto na consciência comum, um dilema sociológico dos mais intrigantes.